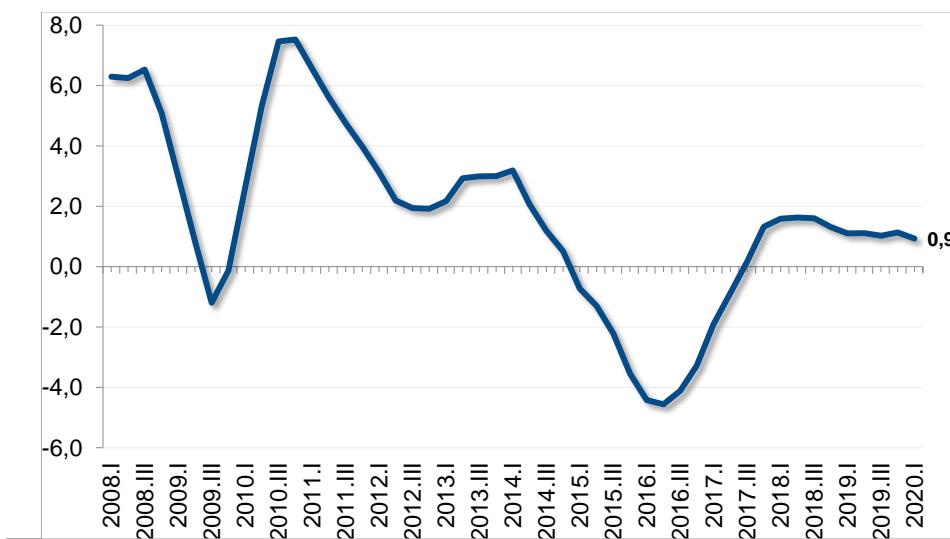


Dados divulgados entre os dias 25 de maio e 29 de maio

## Atividade Econômica (PIB - Nacional)

### Produto Interno Bruto (PIB) Taxa de crescimento do acumulado em 4 trimestres (%)



Fonte: IBGE

Elaboração: Assessoria Econômica/Fecomércio-RS

No primeiro trimestre de 2020 de acordo com o IBGE, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro apresentou queda de 1,5% em relação ao trimestre anterior, na série sazonalmente ajustada, refletindo os efeitos do isolamento social que teve início em março para combater a pandemia. A retração teve maior influência da contração de 1,6% dos serviços, que correspondem a 74% do PIB; também houve recuo na indústria, com baixa de 1,4%. A agropecuária por sua vez teve uma alta de 0,6%. Comparativamente ao quarto trimestre de 2019, o PIB registrou recuo de 0,3%. No acumulado em quatro trimestres ante os quatro trimestres imediatamente anteriores, o PIB brasileiro apresentou crescimento de 0,9%. Sob a ótica da produção, o recuo de 0,3% frente ao primeiro trimestre de 2019 refletiu a variação negativa dos serviços e da indústria contrabalançado pelo resultado positivo na

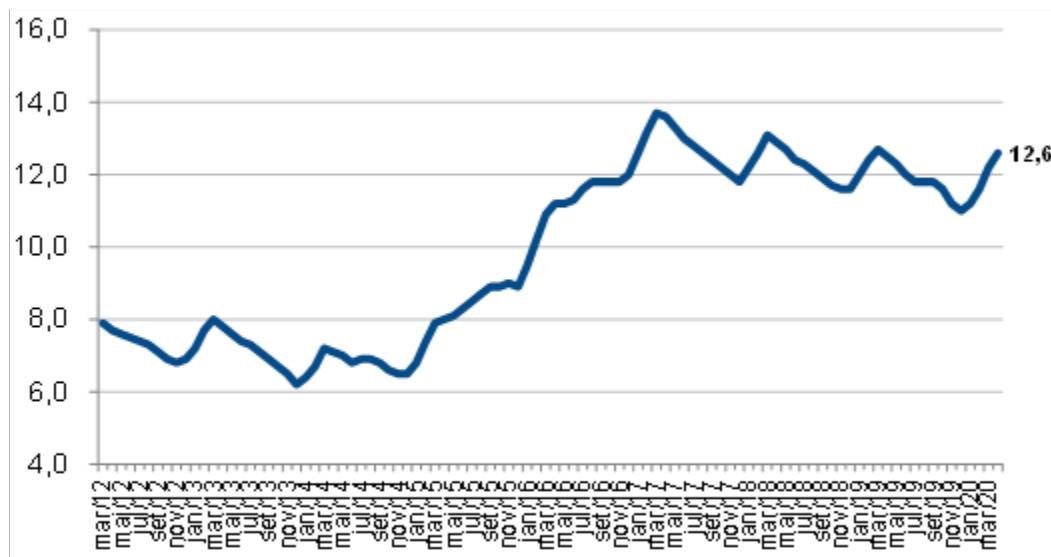
agropecuária. Os serviços tiveram queda de 0,5%, com retração em três de seus seis componentes. O maior recuo foi em outros serviços (-3,4%), seguido por transporte, armazenagem e correio (-1,6%); nas altas, atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados avançaram 2,0% e atividades imobiliárias 1,6%; no comércio, a variação foi de 0,4%. Na indústria, que teve variação de -0,1%, apenas a extrativa não teve queda (4,8%); caíram eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos (-1,8%), construção (-1,0) e indústrias de transformação (-0,8%). O setor agropecuário, por sua vez, teve aumento de 1,9%. Pela ótica da demanda, comparativamente ao mesmo trimestre de 2019, o consumo das famílias teve recuo de 0,7%, enquanto o consumo da administração pública ficou estável (0,0%). A formação bruta de capital fixo (que mede a parcela de produto

utilizada para realizar investimentos) teve avanço de 4,3%. Quanto ao setor externo, as exportações tiveram queda de 2,2%, prejudicadas pela demanda internacional, ao passo que as importações avançaram 5,1%, influenciadas por máquinas e equipamentos, sobretudo para o setor de petróleo e gás, e metalurgia. Como esperado, os dados do PIB mostraram o tombo provocado pela crise do Coronavírus, com a maior queda desde o segundo trimestre de 2015, durante a última recessão. Com os reflexos do distanciamento social, pelo lado da oferta, os Serviços foi o setor mais afetado; pelo lado da demanda, o consumo das famílias, que corresponde a 65% do PIB, despencou (-2,0% em relação ao

trimestre anterior). Porém, cabe lembrar que as medidas passaram a ser adotadas apenas a partir da segunda metade de março, e os dados de abril mostram o agravamento e prolongamento da crise, com continuidade das perdas e piora no mercado de trabalho. Ou seja, ainda não vimos o pior, e ainda é difícil visualizar quando e sobre quais condições a retomada vai acontecer. De toda forma, uma certeza é que tais condições serão tão piores quanto maior a duração dos efeitos sobre as famílias e as empresas, que dependem da efetividade do suporte dado pelo governo e da coordenação para a volta gradual e com segurança da atividade econômica.

## Mercado de Trabalho (PNAD Contínua Mensal)

**Taxa de Desocupação  
Média móvel trimestral (%)**



Fonte: IBGE

Elaboração: Assessoria Econômica Fecomércio-RS

Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE, a taxa de desocupação média brasileira foi de 12,6% no trimestre encerrado em abril de 2020, ficando acima do registrado no trimestre imediatamente anterior de novembro a janeiro de 2019 (11,2%) e apresentando estabilidade, conforme o IBGE, em relação mesmo período de 2019, quando a taxa registrou 12,5%. No que se refere aos componentes da taxa de desocupação, comparativamente ao mesmo

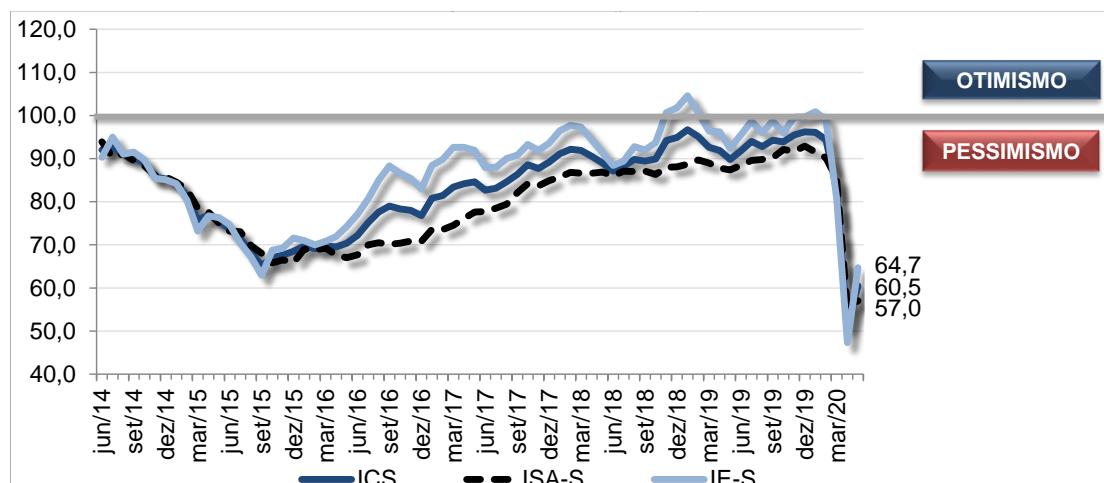
trimestre do ano anterior, o contingente de ocupados teve queda de 3,4%, e a força de trabalho disponível retraiu 3,3% - ambos registrando a maior queda na série histórica que teve início em mar/12. Com quedas em magnitudes muito próximas do número de ocupados e da força de trabalho disponível, houve estabilidade na taxa de desocupação. O rendimento médio das pessoas ocupadas foi de R\$ 2.245,00 no período de fevereiro a abril de 2020, com aumento de 2,5% em relação à

remuneração do mesmo trimestre do ano anterior, refletindo a saída do mercado de trabalho de pessoas com rendimentos menores. Na mesma de comparação, a massa de rendimento real variou -0,8%, porém ficou estável segundo o IBGE; em relação ao trimestre anterior, houve queda recorde de 3,3%, refletindo a redução no contingente de ocupados – 4,9 milhões nessa comparação. O efeito do Coronavírus sobre o mercado de trabalho que ainda não era claro em março ficou evidente na Pnad Contínua de abril: a crise que se agravou atingiu em cheio o mercado de trabalho. A queda na ocupação foi recorde e generalizada, e a grande maioria dos que perderam seus empregos não buscaram

novas colocações, mas saíram do mercado de trabalho, explicando a alta recorde do contingente de pessoas fora da força de trabalho (9,2% em relação a ao mesmo trimestre de 2019). A maior queda no número de ocupados, para ambas comparações, foi registrada no Comércio, seguido pela Construção, Serviços Domésticos e Alojamento e Alimentação. O tamanho dos danos no mercado de trabalho pelos efeitos da crise, contudo, podem ser ainda maiores, uma vez que, com o agravamento da crise e sem o prolongamento das medidas de suporte ao emprego e acesso efetivo a crédito, muitos empregos formais seguem em risco.

## Sondagem de Serviços

**Índice de Confiança de Serviços (ICS)**  
Com ajuste sazonal (pontos)



Fonte:FGV

Elaboração: Assessoria Econômica Fecomércio-RS

O Índice de Confiança dos Serviços (ICS), da FGV, teve aumento de 18,4% na passagem do mês de abril para maio, na série com ajuste sazonal. Aos 60,5 pontos o ICS apresentou melhora em relação ao resultado do mês anterior (51,1 pontos), o menor valor da série histórica iniciada em junho de 2008. O resultado foi reflexo de melhora nos seus dois componentes: a variação de 36,8% no Índice de Expectativas (IE-S), aos 64,7 pontos; e a alta de 2,7% no Índice de Situação Atual (ISA-S), registrando 57,0 pontos. Ambos os índices vieram de suas mínimas históricas no mês

passado. Quando comparado a maio de 2019, na série sem ajuste sazonal, o ICS variou -32,7% (59,6 pontos), influenciado pela retração de 29,8% no IE-S (64,5 pontos) e de 33,6% no ISA-S (56,8 pontos). O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) teve redução na passagem do mês. Enquanto na série com ajuste sazonal o NUCI foi de 79,5% em abril para 78,0% em maio, na série sem ajuste, na comparação interanual, foi de 82,1% no mesmo mês do ano anterior para 78,2% em maio/20. O resultado de maio teve melhora evidenciada nas expectativas. Entretanto, o tombo

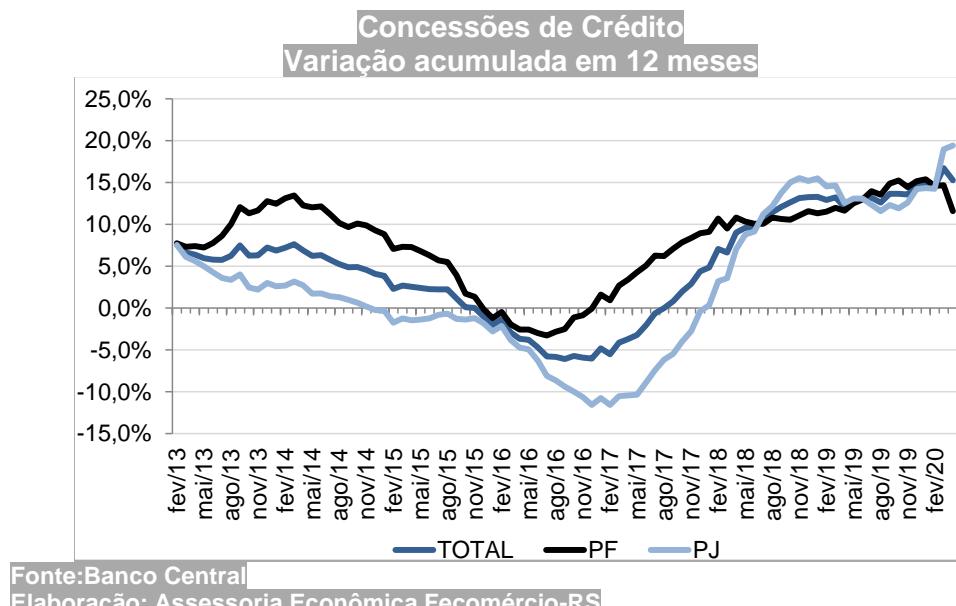
verificado no mês anterior foi muito grande, tendo sido recuperada apenas 21,7% da queda verificada no índice nos dois últimos meses. Assim, a confiança dos empresários dos serviços permanece muito baixa e a percepção

é de um momento muito ruim. A elevada incerteza e a piora no mercado de trabalho que os últimos dados mostraram impedem de vislumbrar uma retomada mais robusta da confiança do setor no curto prazo.

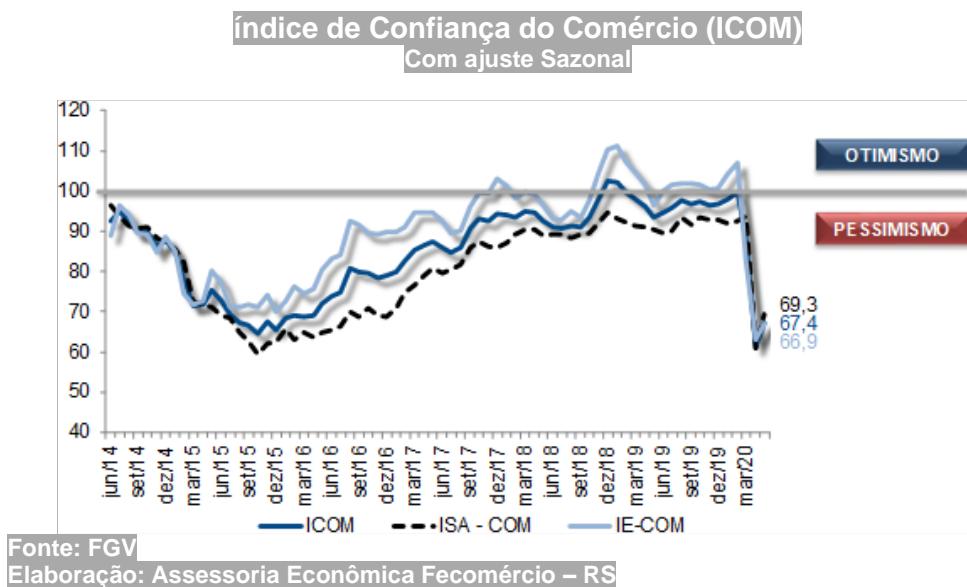
## Crédito

Em abril, o estoque total de crédito do sistema financeiro nacional (incluindo recursos livres e direcionados) ficou estável (0,0%) frente a março, e registrou avanço de 9,6% em relação a abril de 2019. Com isso, o saldo totaliza R\$ 3,6 trilhões, conforme divulgado pelo Banco Central. Como proporção do PIB, o montante total de crédito atingiu 49,2%. Na região Sul, para operações iguais ou superiores a R\$ 1 mil, o saldo total de crédito em abril foi de R\$ 690,2 bilhões, com variação de 0,6% frente ao mês anterior e crescimento de 11,5% na comparação interanual. As concessões de crédito livre tiveram queda de 18,4% em abril na comparação com março, na série com ajuste sazonal. Em relação a abril de 2019, as concessões com recursos livres recuaram 5,8%. No acumulado em 12 meses, em relação ao ano passado, as concessões cresceram 15,3%, resultado das altas de 19,4% para pessoa jurídica e de 11,6% para pessoa física. A taxa média de juros para as operações de crédito com recursos livres teve variação de -2,0 p.p. em abril, registrando 31,3% a.a.. O resultado teve influência do recuo de 1,7 p.p.

na taxa às famílias, que atingiu 44,5%, e da taxa às empresas, que teve queda de 0,9 p.p., marcando 15,8%. A inadimplência superior a 90 dias, também para as operações com recursos livres, avançou 0,1 p.p. e ficou em 4,0% em abril, com a inadimplência das famílias em 5,4% (+0,3 p.p.) e das empresas em 2,4% (0,0 p.p.). Após a disparada do crédito em março, puxada pelos novos empréstimos às empresas, os resultados das concessões de crédito livre tiveram recuo expressivo nas duas comparações mensal e interanual. Porém, na comparação com abril de 2019 ficam claros movimentos distintos do crédito livre para pessoas jurídicas e físicas, de forma que as variações em modalidades específicas ajudam a entender efeitos da crise sobre cada um: enquanto o avanço de 10,9% para empresas foi puxado pela alta de 182,2% nas concessões de capital de giro – fundamental aos negócios na ausência de receitas –, para as famílias, cujas concessões tiveram recuo de 19,9% no mesmo comparativo, o cartão de crédito recuou 16,6% e cheque especial caiu 23,8%, refletindo a contração do consumo das famílias.



## Confiança do Comércio



O Índice de Confiança do Comércio (ICOM), divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) teve aumento de 10,1% em maio, passando de 61,2 pontos (menor nível da série histórica) para 67,4 pontos, na série com ajuste sazonal. Comparativamente a maio de 2019, a variação do ICOM foi de -25,3%, tendo o índice passado dos 91,2 pontos para 68,1 pontos. O aumento do ICOM na margem refletiu as altas no Índice de Expectativas (IE), que teve variação de 5,9% em maio (66,9 pontos), após ter vindo de uma queda de 23,6% em abril; e do aumento de 13,8% no Índice de Situação Atual (ISA), atingindo 69,3 pontos, depois de

uma queda de 35,1% no mês anterior. Na comparação com maio de 2019, o ISA teve queda de 18,4%, enquanto o IE teve retração de 26,0%. O resultado de maio sugere uma acomodação da confiança em nível muito baixo. A melhora registrada no mês foi capaz de recuperar apenas 18,7% da perda acumulada desde março. Uma melhora consistente dos resultados está condicionada a um cenário menos incerto, contando com consumidores aptos e dispostos a consumir, algo que deve demorar a acontecer, principalmente quando se considera a piora no mercado de trabalho apontada pelos dados divulgados recentemente.

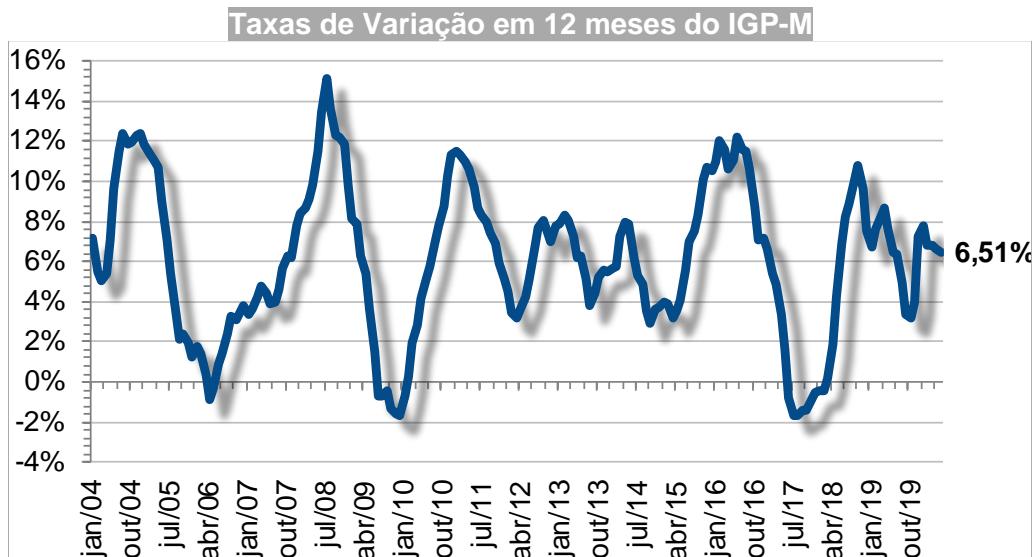
## Inflação (IGP-M)

O Índice Geral de Preços – Mercado (IGP-M) registrou variação de 0,28% em maio. No mês anterior o indicador havia registrado variação de 0,80% e em maio de 2019, de 0,45%. Na análise dos componentes do IGP-M, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que tem peso 0,3 na composição geral do índice, teve variação de -0,60% em maio. No mês anterior houve variação de 0,13%. A queda foi verificada em sete das oito classes de despesa. Destaque para Educação, Leitura e Recreação (-0,05% para -2,22%) e Transportes (-1,49% para -2,60%). Já o Índice de preços ao Produtor Amplo (IPA),

com 0,6 de participação no IGP-M, registrou alta de 0,59%, após ter tido aumento de 1,12% em abril. No grupo Bens Finais (-0,02% em maio contra 0,01% em abril), a contribuição principal veio de alimentos in natura (9,12% para 0,93%). O grupo Matérias-Primas brutas, em que a taxa foi de 3,44% em abril para 3,11% em maio teve como destaque o milho em grão (2,01 para -7,30%); o café em grão (10,07% para 1,35%); e a laranja (3,68 para -10,76%). Já o Índice de Bens Intermediários caiu 1,34% no mês. Em abril havia sido registrada estabilidade (0,0%). Por fim, o Índice

Nacional da Construção Civil – (INCC), que tem peso 0,1 no IGP-M registrou aumento em maio. A alta de 0,21% foi maior que o avanço de 0,18% do mês anterior. Com estes

resultados, o IGP-M acumula variação de 2,79% no ano de 2020 e de 6,51% em 12 meses.



Fonte: IBGE

Elaboração: Assessoria Econômica Fecomércio – RS

## Setor externo

O Balanço de Pagamentos é o registro das transações entre residentes e não residentes do país. As Transações Correntes (TC), que registram transações de bens e serviços, rendimentos e transferências de renda, tiveram saldo superavitário de US\$ 3,8 bilhões em abril, conforme divulgado pelo Banco Central. No mesmo mês em 2019 houve déficit de US\$ 1,9 bilhões. Nos 12 meses encerrados em abril, as TCs registraram déficit de R\$ 44,4 bilhões (2,61% do PIB), inferior aos R\$ 50,1 bilhões (2,87% do PIB) de março 2020. Dentro de TC, Balança Comercial (US\$ 6,4 bilhões)

registrou superávit. Já Renda Primária (-US\$ 1,6 bilhões) e Serviços (-US\$ 1,2 bilhões) registraram déficit. A Conta Financeira (CF) registra os fluxos de capital entre residentes e não residentes do País. Em abril, a CF foi superavitária em US\$ 4,1 bilhões. No mesmo mês do ano passado o déficit havia sido de US\$ 2,4 bilhões. Destaque para os Investimentos Diretos no País (IDP), que somaram US\$ 0,2 bilhão no mês. Por fim, o estoque de reservas internacionais foi de US\$ 343,2 bilhões, com variação de 1,1% ante o mês de março (US\$ 339,3 bilhões).

## Sondagem do Consumidor

Em maio, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) registrou 62,1 pontos e teve um avanço de 6,7% ante o mês anterior, na série com ajuste sazonal. Em abril o índice havia registrado 58,2 pontos, o menor valor desde o início da série histórica iniciada em setembro de 2005. O valor do índice denota forte pessimismo e refletiu uma variação de -0,9% na Situação Atual (ISA), que atingiu os 65,0 pontos, e de

12,2% no Índice de Expectativas (IE), que registrou 61,7 pontos. No caso da situação atual, em abril, o ISA havia registrado o menor nível desde dezembro de 2016, ao passo que o IE apresentou o menor valor desde o início da série histórica. Frente ao mês de maio de 2019, o ICC teve queda de 27,6%, tendo o ISA variado -11,9% e o IE -34,9% para este resultado.

## Política Fiscal

O Setor Público Consolidado registrou déficit primário de R\$ 94,3 bilhões em abril. Esse montante resultou dos saldos deficitários tanto do Governo Central como dos governos regionais e das empresas estatais, que registraram déficits de R\$92,2 bilhões, e R\$ 0,2 bilhão, respectivamente. O resultado nominal, que inclui o saldo primário e o

pagamento de juros, foi deficitário em R\$ 115,8 bilhões em abril. No ano passado o déficit de abril havia sido de 26,8 bilhões. A Dívida Líquida do Setor Público alcançou R\$ 3.845,3 bilhões (52,7% do PIB). A Dívida Bruta do Governo Geral, por sua vez, totalizou R\$ 5.817,9 bilhões (79,7% do PIB).

## Boletim Focus

INDICADORES SELECIONADOS	PROJEÇÕES FOCUS			
	2020		2021	
	Última Semana	Atual	Última Semana	Atual
IPCA	1,57%	1,55%	3,14%	3,100%
PIB (Crescimento)	-5,89%	-6,25%	3,50%	3,50%
Taxa de Câmbio – fim de período	R\$/US\$ 5,40	R\$/US\$ 5,40	R\$/US\$ 5,03	R\$/US\$ 5,08
Meta Taxa Selic – fim de período (% a.a.)	2,25%	2,25%	3,29%	3,38%
IPCA nos próximos 12 meses			3,10%	

Fonte: Banco Central (Boletim Focus de 29 de maio de 2020)

## Dados que serão divulgados entre os dias 01 de junho e 05 de junho

Indicador	Referência	Fonte
Pesquisa Industrial Mensal – P. Física – Brasil	Fevereiro de 2020	IBGE

Caso queira receber o **Monitor Econômico Semanal**, em versão eletrônica, entre em contato através do e-mail: [assec@fecomerco-rs.org.br](mailto:assec@fecomerco-rs.org.br)

É permitida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, elaborado pela Fecomércio-RS, desde que citada a fonte/elaboração. A Fecomércio-RS não se responsabiliza por atos/interpretações/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações.